

Índio cresce na base do sofrimento



Fotos Leonide Príncipe

Luva de palha recheada de formigas tucandeiras, famosas pelas ferroadas doloridas, pronta para o ritual



Jovem sateré-maué coloca luva da tucandeira; se não enfrentar a dor, é considerado menos homem



O índio tem de aguentar quatro horas seguidas com a mão na luva; esse ritual se repete durante 20 dias

A dor marca os rituais de passagem para a adolescência de várias tribos de índios da Amazônia.

Entre os ticunas, uma das maiores nações indígenas da região, as meninas têm seus cabelos arrancados após a primeira menstruação. Já os guerreiros saterés-maués, também do Amazonas, são submetidos a 4 horas diárias de mordidas de formigas durante 20 dias.

A passagem pelos rituais significa, para os índios, a admissão de um novo papel dentro da sociedade da tribo: o papel de adulto. Simbolicamente, os jovens dão uma prova de coragem e maturidade ao participar dos rituais.

ANDRÉ MUGGIATI
da Agência Folha, em Tabatinga

Os índios saterés-maués têm de se submeter à mordida dolorida de grandes formigas pretas, chamadas de tucandeiras, para provar para toda a tribo que já são homens.

O ritual, que marca a passagem para a idade adulta, é chamado de festa da tucandeira.

Os garotos entre 10 e 15 anos vestem uma luva trançada de palha com dezenas de tucandeiras, famosas pela ferroada dolorida.

"Quando a gente mete a mão na luva da tucandeira parece que está pegando fogo, como se estivesse em um braseiro", diz o índio sateré-maué Manelito Sateré, 25, que passou pelo ritual quando tinha 13 anos de idade.

Mordidas diárias em 20 dias

Os índios dançam com as luvas durante cerca de quatro horas a cada dia de ritual. Ao todo são duas etapas de dez dias consecutivos, intercaladas por um descanso de dez dias. Os rituais ocorrem todos os anos, entre agosto e outubro.

"Quando a gente tira a luva, o braço está suando sangue", diz Manelito Sateré, que vive na aldeia Andirá, em Barreirinha (a cerca de 400 km a leste de Manaus).

De acordo com ele, as formigas pretas representam, para os índios, mulheres disfarçadas.

"Antes de pôr a mão na luva pela primeira vez, a gente sente um frio na barriga, parecido com a primeira vez em que vai transar com uma mulher", diz Sateré.

Segundo ele, as mordidas das tucandeiras fazem do menino um homem. É importante que eles sejam virgens ao pôr a mão na luva pela primeira vez. "Dói menos", diz Sateré.

Segundo o administrador da Funai em Parintins (390 km a leste de Manaus), Lúcio Ferreira Menezes, os meninos não são obrigados a participar do ritual.

"Quando eles vêem os outros pondo a mão na luva, acabam tendo vontade de colocar também e provar que já são adultos", afirma.

'Macho' não foge da luva

Já Sateré diz que quem não se submete ao ritual é considerado menos homem e tem dificuldade de conseguir namorada.

Adultos também gostam de colocar a mão na luva durante a festa. Demonstram sua força para o restante da tribo.

"As mulheres também preferem os homens que colocam as luvas e não choram", afirma Sateré.

"Durante essas quatro horas você chora, você grita, você sofre", diz Menezes, que também é índio sateré-maué e colocou a mão na luva pela primeira vez aos 12 anos.

Nos dias de ritual e durante o intervalo, os índios só podem comer

farinha seca e formigas torradas.

"Uma pessoa com 60, 70 quilos, após o final das festas está com, no máximo, 50", conta Menezes.

Os saterés-maués são cerca de 6.000 índios. Vivem ao leste do Amazonas e se concentram nos municípios de Parintins, Maués e Barreirinha.

De acordo com Menezes, cerca de 70% dos saterés-maués falam sua língua e mantêm os costumes, como a festa da tucandeira.

Detalhes do ritual

Todo o ritual é preparado pelo pajé. Primeiro, ele adormece as tucandeiras com um líquido preparado com caju.

Adormecidas, dezenas de formigas são colocadas presas nos buracos da luva, com os ferrões virados para dentro.

O pajé dá então uma bafurada de tabaco para acordar as formigas e coloca a luva no menino.

Consolo das mulheres

A luva é trançada de tal forma que, se o garoto tentar arrancar, fica ainda mais apertada.

O pajé canta os cantos sagrados do ritual, e todos os homens da aldeia dançam durante quatro horas seguidas.

Terminada a dança, os homens, com o corpo mole devido às mordidas, são tratados por suas namoradas e mães. É o momento de consolo.

Antonio Gauderio/Folha Imagem



A índia Edineusa Araújo, 13 anos, depois da festa da "moça nova", em que teve seus cabelos arrancados

Cabelos das meninas são arrancados

da Agência Folha, em Tabatinga

Quinta-feira, 19 de setembro de 1996. São 22h e a índia ticuna Edineusa Araújo, 13, aguarda a hora em que seus cabelos serão arrancados pelas mulheres mais velhas de sua aldeia.

A garota aguarda dentro de uma tenda há três dias, enquanto lá fora acontece a festa da moça nova, que marca o fim da sua infância.

Ela sente uma mistura de medo e ansiedade pelo que está por vir.

Nos três dias em que ficou presa, Edineusa foi visitada por mulheres da aldeia, que deram conselhos sobre os homens e sobre o sexo.

Depois que seus cabelos — nunca cortados antes — forem arrancados, Edineusa não será mais uma criança. Será uma moça. Poderá namorar e participar das festas da tribo.

É chegado o grande momento. Os cabelos são arrancados chumaco a chumaco. E o medo de Edineusa vai se transformando em dor. Ela chora.

Durante os próximos meses, usará um lenço para esconder a careca.

Os ticunas vivem na região do rio Solimões e são 25 mil índios. Cerca de 5.000 falam português. Os outros falam apenas a língua ticuna. Edineusa vive na tribo do Uma-

riaçu, perto da cidade de Tabatinga, na fronteira do Brasil com a Colômbia e o Peru. Ela frequenta a escola da tribo, com alfabetização bilíngue, e está na quarta série.

Os preparativos para a festa da moça nova começam quando as meninas têm sua primeira menstruação. Duram cerca de um ano.

Os pais, ou seus responsáveis, vão plantar as roças de mandioca para preparar a bebida da festa, chamada "caičan".

Diz a tradição que após a primeira menstruação, os pais devem esconder a menina de todos.

Se um homem a vê nesse período, fica "panema" (em ticuna, significa um azar tão grande que não caça nem pesca mais nada).

Hoje em dia, entretanto, as meninas são liberadas do resguardo para frequentar a escola.

Três dias de festa

A festa dura três dias ou até a bebida acabar. Participam parentes de todas as aldeias, distantes vários dias de viagem de barco.

Os convidados vão fantasiados de elementos da natureza. Há macacos, árvores, a mãe do vento. Cada um representa um papel.

O dever da onça, por exemplo, é roubar as crianças de suas mães. Já o macaco é o personagem erótico e simula o estupro de todas as moças

da festa. Ele também tenta invadir a tenda onde está guardada a moça. Os parentes dela tentam protegê-la.

"Antigamente, se os parentes não a conseguissem proteger bem, a moça acabava sendo estuprada", diz o índio Nino Fernandes.

No último dia de festa, quando a bebida está quase acabando, a menina sai do seu abrigo para que seus cabelos sejam arrancados.

"Dói bastante, a gente chora", conta a prima de Edineusa, Edalina Araújo, 14, que passou pelo ritual no ano passado.

Depois, com os olhos vendados, a menina tenta acertar com uma lança um tronco de árvore localizado a cerca de cinco metros. Se ela acertar, significa que, quando casar, terá filhos logo.

O índio Alcides Mariano Tawana, tio de Edineusa, foi quem promoveu a festa da sobrinha. Segundo ele, as moças que não têm a sua festa correm o risco de ser estupradas pelos outros índios.

Para o antropólogo francês Sílvia Cavusens, que realizou vários estudos entre os tikunas, o ritual "marca o assumir um novo papel social, de adulto". Para ele, as adolescentes dão uma prova de coragem e maturidade ao se submeterem ao rito doloroso.

(ANDRÉ MUGGIATI)